

---

## **A mulher no protagonismo comunicacional. O caso do curso de Fotografia, Feminismo e Mulheres Diversas da Universidade Estadual do Piauí<sup>1</sup>**

Orlando Maurício de Carvalho Berti<sup>2</sup>  
UESPI – Universidade Estadual do Piauí

### **Resumo**

O trabalho reflete sobre o caso do curso de Extensão em Fotografia, Feminismo e Mulheres Diversas oferecido pela UESPI – Universidade Estadual do Piauí. O curso é uma provocação dos movimentos sociais e estudantis ligados aos feminismos para refletir, através de imagens, as questões ligadas às mulheres no estado do Piauí. O trabalho também descreve, retrata e analisa as consequências do curso, entre polêmicas, discriminações e consequências. Destaca-se metodologicamente uma abordagem qualitativa, através de estudo de caso, com relato de atividades práticas e sociais. O curso contou com a participação de militantes sociais, membros da comunidade em geral, e membros dos corpos discente e docente da instituição, entre mulheres e homens. Os trabalhos do curso culminaram com cinco exposições fotográficas, com quase 400 fotografias (entre as mais de 15.000 feitas nas atividades práticas) que devem circular o estado do Piauí e ajudar a desmistificar as questões relacionadas ao feminismo e a esclarecer sobre a importância da discussão dessa temática.

### **Palavras-chave**

Comunicação; Comunicação Social; Fotografia; Extensão universitária; Feminismo.

### **Introdução**

As instituições de ensino superior devem estar próximas às populações, conseqüentemente às comunidades? Devem dar atenção especial às de maior vulnerabilidade? Quando se fala em carência denota-se que não é apenas a falta de acesso à políticas sociais, mas também vulnerabilidades de chegada e vivência ao conhecimento, à emancipação e ao empoderamento coletivo. Essas mesmas instituições que historicamente são responsáveis pela promoção do saber devem instigar as práticas sociais? Ou “apenas” refleti-las e vivencia-las teoricamente em seus ambientes de estudiosos?

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

<sup>2</sup> Militante social. Professor, pesquisador e extensionista dos cursos de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo – e Bacharelado em Jornalismo da UESPI – Universidade Estadual do Piauí (campus Poeta Torquato Neto – Teresina – PI). Diretor de Relações Internacionais da UESPI. Pós-doutor em Comunicação, Região e Cidadania pela UMESP – Universidade Metodista de São Paulo. Doutor e Mestre em Comunicação Social pela UMESP, com estágio doutoral na Universidad de Málaga (Espanha). Trabalha com pesquisas sociais voltadas à questões regionais, cidadania, direitos humanos e maiorias minorizadas. E-mails: [berti@uespi.br](mailto:berti@uespi.br) ou [orlandoberti@yahoo.com.br](mailto:orlandoberti@yahoo.com.br)

---

Polêmicas, discussões e debates à parte, a extensão universitária deve ter seu protagonismo em escala cada vez mais crescente e tem o poder de dar respostas claras a esses questionamentos.

Mesmo havendo uma pluralidade de correntes eminentemente empíricas, teóricas ou teórico-empíricas, defende-se uma universidade (Academia) presente e emblemática em pensamentos e ações voltadas às questões sociais. Seja em refletir ou vivenciar algumas daquelas correntes. Essa interlocução está em consonância com o próprio papel constitucional das instituições de ensino superior brasileiras (notadamente as públicas) com a sociedade.

Parte-se do lugar de fala que os fenômenos sociais estão à mostra e não podem ser encarados apenas como simples objetos. Tem-se origem também da crença e ação que a Academia pode ter muito mais protagonismo, justamente por sua conversão heterogênea de pensamentos e ações. Significando ampliar espaços do ensino e da pesquisa, praticando-se e vivenciando-se a extensão universitária.

Vivemos na sociedade que também pode ser considerada da imagem, em reflexões semiotizadas, onde também uma imagem termina valendo mais que mil, ou milhões de palavras.

Dependendo do contexto, o imagético (estático ou dinâmico) instiga corações e mentes, para o bem ou para o mal. É um grande contexto para incentivo às questões da própria *Sociedade do Eu* em que o individual geralmente suplanta o coletivo. Essa sociedade é uma metáfora sobre o atomismo social contemporâneo.

Esse ponto é destacado a partir de que a própria fotografia pode formar e informar, saindo do seu lado eminentemente artístico para também instigar conquistas, denunciar, cobrar, lembrar, historicizar, propor e instigar muito mais conexões sociais. Esses destaques terminam sendo o segundo lugar de fala da feitura desta reflexão extensionista.

O artigo tem como sujeito-objeto as práticas fotográficas sociais promovidas e instigadas pelo curso de extensão de *Fotografia, Feminismo e Mulheres Diversas*, realizado pela UESPI – Universidade Estadual do Piauí – abarcando cursistas nas cidades de Teresina, capital do estado, e Picos, Sertão (a 310 quilômetros ao Sul de Teresina). Os cursos ocorreram em 2017, envolvendo dezenas de participantes e promovendo diversas exposições e debates fotográficos e sociais.

---

Chama-se de sujeito-objeto o fenômeno estudado justamente devido à nomenclatura e defesa capitaneada por Cicilia Peruzzo (2005). Ela explica sobre a dinamicidade dos fenômenos e as participações dos pesquisadores no processo. Não podemos apenas encarar o que estudamos como simples objetos, estáticos e sem interação. Há muito mais a ser estudado, visto, vivenciado. Por isso a opção acadêmica e o lugar de fala da escrita do material e da própria interação social residindo no sentido de tratar o fenômeno destacado como um sujeito vivo. E todos os participantes do curso também foram convidados a vivenciar essas questões.

A problemática reside na elucidação de como se dão os processos sociais retratados imagetivamente através dessa atividade extensionista ligada ao campo da comunicação, tendo-se como elemento midiático balizador a fotografia.

Objetiva-se destacar, refletir e polemizar sobre o fenômeno, principalmente por sua necessidade de coletivizações.

O artigo é justificado a partir de três momentos: social, acadêmico e pessoal. No sentido social o sujeito-objeto é motivado pela própria necessidade de compartilhamento de conhecimento, principalmente para a própria universidade, trazendo consequências diretas com as questões acadêmicas. Nesse sentido nota-se que a temática é pouco abordada em termos de Piauí (*lôcus* do estudo), principalmente em suas interrelações com a extensão, a fotografia e os feminismos. E no sentido pessoal frisa-se sobre a responsabilidade da própria universidade e do próprio lugar de extensionista universitário, de quem escreve este material (e coordenou e executou o curso) em dar respostas à parte das carências sociais. Sem antes deixar de levar em conta que todos esses apontamentos são consonantes para a reflexão das práticas sociais fotográficas.

Metodologicamente parte-se de um estudo de caso para explicar o fenômeno, principalmente em sua perspectiva empírica. Baliza-se em estudos destacando a importância da universidade em suas práticas sociais, bem como a fotografia inserida nesse contexto. Também são feitas polemizações e assertivas sobre as questões do próprio poder extensionista das instituições de ensino superior.

Não é pretendido fazer um compêndio, nem muito menos esgotar a temática, mas refletir uma situação às vezes contemporaneamente silenciada e que necessita ser historicizada, resgatada, refletida, melhorada e multiplicada, principalmente para a

---

construção de uma sociedade mais justa e mais igualitária, pontos que acredita-se estarem (ou deveriam estar) na vanguarda das universidades brasileiras.

O trabalho é dividido em três partes. A primeira, intitulada “*Extensão universitária e as chances de socialização de conhecimento além dos muros da Academia*”, de caráter teórico e reflexivo, aborda a importância das atividades extensionistas das instituições de ensino superior, começando a destacar sobre a Universidade Estadual do Piauí. A segunda, de nome “*O projeto de extensão “Fotografia, Feminismo e Mulheres Diversas da Universidade Estadual do Piauí”. A fotografia como elemento comunicacional de socialização de ideias de ideais*”, de caráter teórico e de identificação do sujeito-objeto, destaca sobre a extensão, a fotografia e, principalmente sobre o curso em si e suas interfaces: na capital e no interior do estado. A terceira, última e reflexiva, intitulada “*Muito mais que imagens. Extensionando, refletindo, vivenciando e dessilenciando*”, de perspectiva analítica, desvela a temática e traz perspectivas sobre a extensão universitária e sua importância comunicacional e social.

## **1 – Extensão universitária e as chances de socialização de conhecimento além dos muros da Academia**

As instituições de ensino superior têm grande poder social de mediação das práticas e teorias do conhecimento.

Não se apregoa a Academia como único centro de produção e propagação do saber. Mas leva-se em conta seu poderio, principalmente pela magnitude de seus membros, sua vivência de capilaridade social e sua capacidade de desafiar e ser desafiada. “É preciso, por parte da Universidade, apresentar concepção do que a extensão tem em relação a comunidade em geral. Colocar em prática aquilo que foi aprendido em sala de aula e desenvolvê-lo fora dela” (BATALHA *et al*, 2013, p.142).

É inegável o poder das instituições de ensino superior. Mas não adianta esse poderio ser representado apenas por títulos se os mesmos não chegam e são reverberados à maioria, às comunidades, à base.

É nesse enfoque que aborda-se a importância do histórico tripé (contemporaneamente mais que isso) ensino, pesquisa e extensão, corroborado contemporaneamente também pela administração. Sendo que a extensão universitária possibilita a formação “do profissional cidadão e se credencia, cada vez mais, junto à

sociedade como espaço privilegiado de produção do conhecimento significativo para a superação das desigualdades sociais existentes” (KLEIN; SCHEIDEMANTEL; TEIXEIRA, 2004, p.01). Preza-se e parte-se teoricamente, para lincar-se a perspectivas empíricas, justamente da importância da extensão universitária nos processos sociais, envolvendo não só os membros da Academia, mas também suas interlocuções com a sociedade.

Audemaro Taranto Goulart (2004, p.61-63) reflete sobre a importância emancipatória das atividades de extensão e do quanto são importantes para a evolução coletiva e melhorias de vivências sociais, sendo que um dos grandes pontos é justamente as consequências dessas atuações acadêmicas. E pensar essas consequências balizam o que é trazido neste trabalho.

A UESPI – Universidade Estadual do Piauí – é uma instituição que tenta quebrar esse *status quo* vertical e evoluir coletivamente, notadamente para as ações e vivências em uma das unidades federativas mais carentes do País. Ela consegue? Ela é muda? Ela instiga evolução? Vejamos.

### **1.1 – A Universidade Estadual do Piauí**

A UESPI – Universidade Estadual do Piauí – foi fundada em 1984, através da Lei Estadual 3.967. Seu primeiro vestibular ocorreu em 1986 para os cursos de Licenciatura Plena em Pedagogia: Magistério, Ciências Biológicas, Matemática, Letras/Português, Letras/Inglês e Bacharelado em Administração, totalizando 240 vagas. A instituição durante quase todo o final do Século XX teve uma vocação eminentemente para formar professores, principalmente para o interior do estado. Até então o Piauí era uma das unidades federativas do Brasil mais carentes.

Somente nos últimos cinco anos do Século XX que a instituição ganhou uma vocação também para formar bacharéis e teve uma das maiores expansões de sua história, chegando a ter unidades em quase 50 municípios do Piauí e também sendo uma das dez maiores instituições de ensino superior do Brasil em termos de número de alunos. Foi nessa época que também começaram os primeiros cursos de extensão e a pesquisa também foi incorporada na filosofia da instituição.

Nos primeiros anos do Século XXI o inchaço e a incapacidade de gerir uma instituição tão grandiosa fez a UESPI fechar mais da metade de suas unidades e de seus cursos. Esses atos a fizeram repensar seu tamanho e readequar suas ações.

---

A UESPI faz parte da tríade de três grandes instituições de ensino superior no estado. Além dela ainda existem a matriarca de todas as instituições piauienses: a UFPI – Universidade Federal do Piauí (pública federal) e também o IFPI – Instituto Federal de Educação Tecnológica do Piauí (pública federal). Assim como a UESPI elas também são sediadas na capital do estado e tentam capilarizarem suas ações pelos 224 municípios do Piauí e população estimada até o final de 2016 em 3.212.180 habitantes (IBGE ESTADOS, 2017).

Segundo informa (2017) a UESPI tem: 35 unidades, sendo 11 campi, 12 núcleos e 12 pólos, oferecendo 211 cursos, sendo 95 presenciais, 38 à distância e 78 específicos para a formação de professores (através da Plataforma Freire – Parfor). A instituição (2017) também tem dois mestrados e 106 grupos de pesquisa. A UESPI contava até o início de 2017 com 1427 docentes, sendo 872 permanentes e 555 temporários, desses 257 são doutores e 575 são mestres e outros 518, especialistas. A instituição terminou 2016 com 21.489 alunos, sendo 18.036 de graduação, 3.378 de pós-graduação Lato Sensu (especializações) e 75 de mestrado. A UESPI também contava com 407 servidores efetivos, outros 414 terceirizados e cedidos pela secretaria de Educação do Piauí.

Até o meio de 2017 a UESPI contava com 17 programas fixos de extensão e mais de 200 projetos extensionistas. Entre essa quantidade um deles tratava justamente sobre as questões da fotografia e dos feminismos. Será que consegue? Será que seus frutos realmente são extensionistas?

## **2 – O projeto de extensão “Fotografia, Feminismo e Mulheres Diversas da Universidade Estadual do Piauí”. A fotografia como elemento comunicacional de socialização de ideias de ideias**

A fotografia pode ser encarada e vivida como elemento de socialização do conhecimento a partir do momento que transpassa sua veia eminentemente artística e começa a trazer sentidos comunicacionais. É preciso destacar que a verve artística da fotografia não é desprezada (e nem deve) neste trabalho, mas suas consequências sociais são muito mais protagonizadas.

Não se envereda pura e simplesmente pela crença de que a fotografia por si só é revolucionária e muito menos manipuladora. Não é a tecnologia fotográfica em si a

---

resolução ou piora dos fatos sociais, mas sim como se dá sua utilização como tecnologia social e de consequências práticas.

Segundo Roberto Vámos (2016) a fotografia tem o poder de mudar uma vida. E quando é falado questões de transformações trata-se sobre as possibilidades do protagonismo. Não da ação fotográfica, mas das reflexões semióticas e sociais trazidas por essas imagens.

Philippe Dobois (2004) enfatiza que a fotografia não é apenas uma simples imagem, mas um produto de uma técnica, bem como de uma ação, sendo resultado de um fazer e de um saber fazer. O conceito evoluiu a preocupação de Roland Barthes (1980) no sentido de que a fotografia pretende ser a transcrição do real dependendo da maneira em que é executada. E, novamente, a fotografia é conceituada com questões da própria extensão universitária, notadamente em relação à suas práticas e vivências sociais.

Parte-se conceitualmente do que é preconizado por Jorge Pedro Sousa (2002, p.09) de que as imagens fotográficas conseguem evocar os acontecimentos representados ou as pessoas e suas atmosferas. Esses atos também mostram o lado empírico das interfaces fotográficas.

É sobre esse poder que mostradas as questões e possibilidades emancipadoras da imagem, quando elas saem do simples fato de enunciação de sentidos, para também abarcar e promover discussões sociais, justamente em cima das próprias ações da feitura dessas imagens.

A fotografia como elemento comunicacional faz parte do Plano Nacional de Extensão Universitária (2017) em que é fato básico a divulgação e a reflexão comunicacional das atividades extensionistas.

## **2.1 – Por que: extensão, feminismo e fotografia?**

Sim, por que fazer extensão com a temática envolvendo feminismo e trazê-la para vivências com suportes fotográficos? E na universidade?

Esses questionamentos chegaram a ser inclusive feitos não só em redes sociais virtuais por contrários à ideia, mas também por publicações midiáticas piauienses (jornais e sites) questionando por qual motivo uma universidade com tantos desafios contemporâneos estaria instigando um projeto envolvendo essa temática e o mesmo ser mediado por um homem.

---

A polêmica era porque uma instituição de ensino superior estava fazendo um projeto de extensão voltado ao feminismo (na verdade: feminismos) e porque essa ideia era mediada por alguém do sexo masculino. Na universidade pouco foi debatido sobre essa polêmica, já que preza-se pela pluralidade de pensamentos, acatando-a, refletindo e mostrando que o preconizado na polêmica era inócuo.

Mas a discussão foi mais que bem vinda e aceita para fortalecer o próprio espírito de debate e de construção do curso, já que era realmente a interface da união e respeito entre homens e mulheres era o principal cerne da realização do curso e dos pensamentos para consequências sociais atuais do mesmo.

A resposta veio com ações e com o que foi construído. Preconizou-se sobre o fato de que a melhor resposta para uma crítica infundada é o mostrar ações.

O projeto extensionista *Fotografia, Feminismo e Mulheres Diversas* é uma provocação direta do primeiro curso da área fotográfica feito pela Universidade Estadual do Piauí. Entre os dois semestres de 2016 a universidade capitaneou um curso de extensão pensando, trabalhando e vivenciando o movimento negro e o povo de terreiro de Teresina e região metropolitana.

Essa era uma cobrança histórica do movimento organizado que atua na defesa das causas relacionadas à negritude e também a questões das religiões de matriz africana. Esses grupos são parceiros recorrentes em diversas atividades extensionistas com a Universidade Estadual do Piauí. O curso de fotografia voltado ao movimento negro culminou com uma exposição itinerante que percorreu mais de dez lugares da capital e do interior piauiense.

Por que não um curso de extensão com fotografia também trabalhando o feminismo? Esse foi o questionamento principal feito à pró-reitoria de Extensão, Assuntos Estudantis e Comunitários da UESPI e também à coordenação do curso de fotografia e movimento negro. Isso ocorreu no dia da entrega dos certificados do primeiro curso (dia da primeira exposição). E, semanas depois, representantes das principais organizações de defesa das mulheres no Piauí foram convidadas a dar opiniões para a construção de um novo curso. Dessa vez: sobre feminismo. Um dos primeiros pontos foi trabalhar não só um único feminismo, já que o próprio movimento é formado de feminismos e diversas pluralidades.

Indagações relacionadas a quem o curso se destinaria, se seria só para mulheres e como seria foram elencados e discutidos em uma reunião entre as representantes dos



---

movimentos, o coordenador e executor do curso e o pró-reitor de Extensão da UESPI, professor-doutor Raimundo Dutra. O ouvir e o participar foram peças-chave para a construção desse projeto extensionista.

Em uma reunião de pouco mais de duas horas, muitos debates e respeito: chegou-se ao veredicto de todas as interfaces do projeto. Seria um curso de 40 horas de atividades, envolto à questões teóricas e práticas. O teórico estaria balizado principalmente em questões da fotografia e dos feminismos. Sim, nascia aí uma ideia conceitual de que não existe um único feminismo, mas vários feminismos. Todos eles seriam abordados, inclusive em momento próprio. Outro ponto foi a abertura do curso para diversos públicos, não só o de feministas militantes. O que terminou confirmando sua heterogeneidade: mulheres, homens, héteros, bis, homos, graduandas e graduandos, graduadas e graduados, pós-graduandas e pós-graduandos, professoras e professores universitários, pessoas aquém da Academia, militantes históricos e novos militantes. Esse foi o público que procurou o curso em sua primeira versão, já que por conta de seu sucesso, terminou também sendo levado para o interior do estado, sendo realizado na cidade de Picos, a terceira maior do Piauí e distante 313 quilômetros de Teresina, na região sertaneja piauiense. No segundo curso houve uma procura maior por alunas e alunos das duas principais universidades públicas da cidade: Universidade Estadual do Piauí e Universidade Federal do Piauí.

Foi acordado que as vagas para os cursos seriam distribuídas metade entre membros de movimentos sociais e a outra metade para a comunidade acadêmica e comunidade em geral. Nos dois cursos já realizados os públicos foram prestigiados e enviaram representantes, promovendo uma grande pluralidade entre cursistas e consequências surpreendentes nos trabalhos fotográficos e nas exposições.

O primeiro dos cursos, com sua turma inicial, foi na cidade de Teresina, capital do estado, reunindo quase 30 pessoas. O segundo, com sua turma interiorana, reuniu quase 20 cursistas. Ambos, em suas aulas teóricas, ocorreram em dependências da própria Universidade Estadual do Piauí. Foi uma estratégia pedagógica extensionista, principalmente para primeiro valorizar o espaço acadêmico, mas também para ter-se a ideia de sair-se dali para a prática.

Foram destacadas questões sobre o método “Olhar, Técnica e Trabalho”, advindo do Senac São Paulo (e bem trabalhado em MARTINS; REAL; ZUANETTI, 2002), primeiro curso superior em Fotografia do País.

---

Essa metodologia vivencia inicialmente o olhar fotográfico, trabalhando a sensibilidade nata de cada um dos cursistas, bem como instigando suas visões para com as realidades cujo qual fazem parte. As técnicas foram trabalhadas principalmente voltando-se não para a formação de fotógrafos profissionais, mas dos cursistas terem maior acurácia na vivência cotidiana e de suas consequências para um melhor retratar suas realidades. Sobre o trabalho em si é a maneira pragmática de vivenciar os aprendizados em sala de aula. E esses foram os principais pontos para as práticas sociais nas duas cidades em que o curso foi realizado.

No caso do curso da capital do estado as atividades externas foram realizadas pelas ruas do Centro e na zona Norte de Teresina, bem como nas zonas urbana e rural da cidade de Piri-piri, no Sertão Norte do Piauí (a 165 quilômetros de Teresina).

No caso do curso do interior do estado as atividades externas foram realizadas na comunidade quilombola Costaneira, na cidade de Paquetá do Piauí, no Sertão Central piauiense (a 320 quilômetros de Teresina).

O segundo curso só ocorreu por causa do sucesso e impacto social do primeiro. Enquanto o curso inicial foi uma cobrança direta dos movimentos sociais, notadamente ligados ao feminismo e empoderamento da mulher, o segundo curso foi uma provocação direta não só do movimento feminista, mas suas interfaces com o movimento estudantil, principalmente o Diretório Central dos Estudantes da Universidade Estadual do Piauí, campus de Picos.

O curso (em seus dois momentos) teve algum impacto, reverberação, evolução? Quais as lições trazidas e aprendidas? Vejamos...

### **3 – Muito mais que imagens. Extensionando, refletindo, vivenciando e dessilenciando**

O curso de extensão *Fotografia, Feminismo e Mulheres Diversas* traz uma série de aprendizagens e reflexões, notadamente sobre as questões sociais instigadas e vivenciadas nas interfaces desse caso.

Destaca-se inicialmente sua própria concepção. As provocações dos movimentos sociais que instigaram a universidade em seu próprio lugar de atuação para vivenciar questões ligadas aos feminismos.

Esse ponto tem de ser levado em conta porque é notório a atuação de muitos movimentos sociais, alguns já consolidados historicamente, com igual papel da própria

---

universidade e grande simpatia dos próprios membros das instituições de ensino superior. Mas que, por circunstâncias do atomismo vivenciado por cada uma dessas instituições, terminam raramente intercambiando informações e vivências. Quem deve procurar quem? Os movimentos ou a universidade? Ou os dois devem se procurar?

O debate não deve estar em quem deve instigar quem, mas sim, como isso pode ser feito e como pode ser realizado com o máximo de interlocução social possível, pois os movimentos e a própria Academia só têm a ganhar com essas interlocuções. Destaca-se apenas que as interações devem ocorrer com horizontalidade de hierarquias e não a universidade achar-se em lugar de superioridade impondo conhecimentos ao movimento. Ou vice-versa.

As heranças dessa união devem ser o cerne básico para, justamente, as concatenações de ideias e vivências entre os próprios movimentos sociais, comunitários, alternativos, políticos e a própria Academia.

Apesar da preocupação inicial de um homem ser o mediador informacional do conhecimento que seria ministrado no curso as dúvidas e tensionamentos foram dirimidos e a história terminou sendo motivo de anedota e de importância de conquista dos homens para as ideias dos feminismos.

Como trabalhar a temática, em um mundo tão machista, sem trazer as interlocuções com homens, principais agentes desse estado de fatos?

A barreira da mediação masculina e também da participação de homens no processo foi logo quebrada. É fato que a Academia, em vários de seus setores, ainda vive um machismo exacerbado. Esse estado opressivo também é representado pela própria mídia em várias de suas ações. Promove o silenciamento ou deixa assuntos dessa gama a planos inferiores, sem a devida prioridade que uma temática tão delicada precisa, em momentos de tantas opressões sociais, coletivas e tantas temerosidades políticas.

Essas rupturas apresentaram como uma metodologia positiva e concernente, principalmente para trabalhar a pluralização. Foi evidente que nos dois cursos, o de Teresina e o de Picos, o público feminino foi maior, mas houve igualdade na procura de reflexões sobre os feminismos.

O respeito advindo dos participantes também foi exemplar ao serem trazidas as questões da opressão masculina frente às mulheres.

---

A própria presença física masculina foi importante para refletir os feminismos: tão propalados e tão discutidos em ambientes acadêmicos e que precisam refletir nos ambientes sociais.

Nas vivências fotográficas extensionistas do Dia 08 de Março, pelas ruas do centro da capital piauiense houve experiências e conclusões a partir de a própria presença masculina ainda é pouca no sentido dos atos coletivos feministas. Indagou-se muito os motivos desse quase silenciamento e quais os agentes contemporâneos que contribuem para isso, mesmo havendo tantos canais de comunicação e informação disponíveis.

Ainda há um preconceito premente e que a própria movimentação de coletivização social ainda precisa ter novos tons. O evento retratado pelas e pelos cursistas no Dia Internacional da Mulher produziu mais de 4.000 imagens, que começaram a servir para as exposições que estavam por vir. Foi a “prova de fogo” dos cursistas. Destaca-se que os olhares da maioria das imagens causaram surpresas, provando a hipótese básica de que o principal ponto para uma boa fotografia não é a técnica, mas sim o olhar. Produziu-se fotos em angulações e condições de luz, mesmo feitas por aparelhos celulares e câmeras amadoras, dignas de exposições para circularem em todo o País.

Na prática da cooperativa de artesãs do bairro Poty Velho, em Teresina (PI) a empiria fotográfica extensionista mostrou-se mais interligada em demonstrar como é uma das primeiras cooperativas da capital do Piauí, pensada e composta apenas por mulheres. Foram realizadas mais de 1.000 fotografias e foi uma das atividades que contou com o menor número de participantes do curso, já que muitos estavam em atividades laborais naquele momento.

Conheceu-se as realidades no sentido da construção, da evolução e das contemporaneidades da cooperativa. Conversou-se e refletiu-se com sua atual diretoria. Foram retratadas não apenas as questões das artes feitas na cooperativa, mas as atitudes de suas cooperadas, principalmente no sentido de vivenciarem o empoderamento feminino.

Já na prática fotográfica dos cursistas que fizeram as atividades em Teresina os pontos mais nevrálgicos foram na cidade de Piripiri, com a visita, entendimento e fotografia do assentamento Mulheres Organizadas e do empreendimento urbano Antônia Flor. Notou-se o protagonismo da mulher e de grupos minoritários e do quanto

esses exemplos são emblemáticos não só para o Piauí, mas para todo o Brasil. As quase 8.000 fotografias produzidas nos dois momentos em Piripiri foram o ápice do curso das e dos que se inscreveram em Teresina. Todas e todos participaram das atividades e passaram um domingo inteiro realizando essa missão. Como foram ações de um dia inteiro pôde-se interagir mais com histórias, com momentos e com questões ímpares.

A viagem a Piripiri gerou discussões no sentido de mais socialização do conhecimento e o que deveria ser uma exposição fotográfica para rodar inicialmente a região de Teresina transformou-se em quatro exposições. Uma ficaria para rodar a capital, com interface a partir da universidade. A outra seria uma prestação de contas com a cooperativa de mulheres do Poty Velho e as outras duas iriam para Piripiri para ficarem fixamente nas instituições rural e urbana visitadas e fotografadas pelos cursistas. Um dos materiais ficará exposto na sede do Sindicato das Trabalhadoras e dos Trabalhadores Rurais de Piripiri e a outra ficará na sede da Associação do assentamento urbano Antônia Flor.

No caso das vivências com os cursistas da cidade de Picos foi realizada incursão na comunidade Costaneira, na cidade de Paquetá do Piauí, em que foram realizadas mais de 2.000 fotos. As imagens retratam como é a luta, vivência, debates e desafios de uma das comunidades quilombolas que mais estão em evidência no Piauí. A exposição gerada com essas imagens ficou na sede da Universidade Estadual do Piauí, em Picos, e será levada para a comunidade a fim de ser socializado o conhecimento e as imagens para com as pessoas que foram retratadas.

### **Considerações**

As principais considerações do trabalho residem principalmente em mostrar o poder das reflexões sociais mediante a realização de cursos e ações extensionistas. A temática fotografia é apenas um dos suportes que podem ser realizados para projetos do tipo. Mais importante do que o próprio suporte são as intencionalidades sociais geradas pelos mesmos em suas instrumentalizações comunicacionais.

Os mesmos poderiam vir balizados em diversos outros suportes midiáticos, tais quais: produtos impressos, radiofônicos, audiovisuais e multimídiaicos. O suporte fotografia foi escolhido justamente por sua importância imagética e o quanto desperta interesse por parte dos possíveis cursistas.

---

Com a ascensão dos dispositivos midiáticos de produção de imagens, principalmente os celulares, o poder da fotografia foi despertado na segunda década do Século XXI no Brasil. Contemporaneamente é um dos aparelhos que mais fazem parte da vida das pessoas.

Levando-se em conta as questões da importância do olhar, foi esse sentido humano o mais instigado nas ações do projeto.

Por isso volta-se às discussões sobre a questão da universidade estar mais presente nas discussões sociais e da própria Academia romper suas barreiras físicas e teóricas. Nota-se que o curso de extensão evocado não é apenas um chamariz, mas uma semente plantada.

Espera-se que dê muitos frutos e eles sejam representados em ações sociais, de feminismo, movimento negro, movimento LGBTQ, e muito mais.

São notadas consequências a partir de que outros cursos foram cobrados. No caso do curso de Teresina, passados vários meses de seu fim no sentido de aulas, o mesmo continuou como pauta de um grupo no aplicativo de mensagem instantânea *Whatsapp* em que diariamente as e os participantes interagem sobre temáticas ligados à imagem e questões políticas.

Em um período de forte crise política, moral e social as discussões da importância não só das denúncias via imagens, mas do que essas fotografias representam para novas contextualizações sociais são outras das consequências do projeto de extensão.

Um ponto a ser destacado foi a interação do que foi produzido com as comunidades retratadas e como elas se veem sobre as visões realizadas para com elas.

Não se quis formar fotógrafos profissionais, mas sim vivenciar com pessoas com forte militância social, juntamente com neófitos, podem, através da imagens, instigar e vivenciar novos e diferenciais momentos em que pudessem contribuir socialmente em seus espaços de convivência e atuação.

E tudo o que foi realizado e tratado não é nada mais do que o cumprimento do papel básico da própria universidade, que é refletir e trazer respostas para as práticas sociais contemporâneas.

Frisa-se e compromete-se a mais ações do tipo, principalmente porque a temática gerou uma série de novos convites para realização de outros cursos,

---

principalmente de ligações com os movimentos de negritude e também LGBTQ, inclusive com agendamento de novos cursos.

Ajamos! Continuemos a vivenciar a comunicação e fazê-la instrumento de melhores dias para todas e todos!

## Referências

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BATALHA, Taila Beatriz Silva; COSTA, Carmen Lúcia Neves do Amaral; PASSOS NETO, Irazano de Figueiredo; RODRIGUES, Andréia Lilian Lima. **Contribuições da extensão universitária na sociedade**. Aracaju: Cadernos de Graduação – Ciências Humanas e Sociais, v.1, n.16, 2013.

DUBOIS, Phillippe. **O ato fotográfico**. Campinas: Papirus, 2004.

GOULART, Audemaro Taranto. **A importância da pesquisa e da extensão na formação do estudante universitário e no desenvolvimento de sua visão crítica**. Belo Horizonte: Revista Horizonte, v.2, n.4, 2004.

IBGE ESTADOS. **Dados sobre o estado do Piauí**. Disponível em: <<http://ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=pi>>. Acesso em: 28.jun.2017.

KLEIN, Ralf; SCHEIDEMANTEL, Sheila Elisa; TEIXEIRA, Lúcia Inês. **A importância da extensão universitária: o Projeto Construir**. Belo Horizonte: Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, 2004.

MARTINS, Nelson; REAL, Elizabeth; ZUANETTI, Rose. **Fotógrafo: o olhar, a técnica e o trabalho**. Rio de Janeiro: Senac, 2002.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Observação participante e pesquisa-ação**. IN: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge (orgs.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005.

PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. **Diretrizes nacionais**. Disponível em: <<http://pdi.ufabc.edu.br/wp-content/uploads/2011/09/Plano-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-2011-2020.pdf>>. Acesso em: 20.jul.2017.

---

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo – Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Porto: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2002.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ. **Uespi em números**. Disponível em: <[http://www.uespi.br/site/wp-content/themes/uespi/uespi\\_em\\_numeros.html](http://www.uespi.br/site/wp-content/themes/uespi/uespi_em_numeros.html)>. Acesso em: 27.jul.2017.

VÁMOS, Roberto. **Viajaneio**. Rio de Janeiro: Réptil Editora, 2016.